

Universidade

Livre

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

PEDAGOGIA

A instrução em Portugal, por Agostinho Fortes pag. 27

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE

Portos de Mar, por Afonso Castilho..... » 10

ACTUALIDADES

SCIENTIFICAS

Questionario » 35
Eclipse parcial da Lua » 36
Erupção vulcanica » 37
Doenças das plantas » 37
Os explosivos e a telegrafia sem fios » 37

VIDA ASSOCIATIVA DA

UNIVERSIDADE LIVRE

Conferencias e palestras..... » 39
Publicações (curso de francês).... » 39
História das religiões..... » 39
Excursão e visita de estudo a Tomar » 39
Companhias reunidas de gaz e electricidade..... » 39

ANO I

N.º 2

FEVEREIRO DE 1914

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: Alexandre Ferreira.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

Praça Luís de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia

Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 8 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 80 CENT.

Pedagogia

A Instrução em Portugal

Não sei de assunto que mais tratado haja sido, nesta nossa boa terra, onde a laranjeira floresce e o fado pompeia garganteado por nobres e plebeus, do que a instrução. Ninguém que se prese, ainda que analfabeto, deixa de disreter sobre tema tão querido; quem, impando de pedagogia avariada, propõe reformas que dum dia para o outro hão de extinguir o analfabetismo, o *cancro terrível* da nacionalidade, como soi dizer-se em estilo campanudo, já oficialmente consagrado; quem, solerte e sibilino, numa exposição rapida, apresenta um plano que, revolvendo desde os alicerces o edificio da instrução, o reconstroe em linhas absolutamente novas e até então nem sequer entrevistas ou sonhadas; qual, em tom dogmatico e intangivel, decreta onisciente e onipotente, que o estudo das sciencias morais e das humanidades é um verdadeiro atentado contra o bom senso e o espirito pratico dos tempos que vão correndo; qual, não menos onisciente nem menos onipotente em regiões tais como as do ensino, proclama que a memoria é uma fâculdade incomoda e só propria dos cretinos; este declara *urbi et orbe* que a instrução deve ter por objectivo capital o desporto, por isso que o desenvolvimento intelectual só serve para atrofiar os povos, dos quais, como dos individuos, diz-se, e parece que com certa razão, que quanto mais brutos mais venturosos; aquê, em frase congestionada, jura e rejura que os exercicios fisicos são um mal terrível, que dos livros e dos mestres faz fugir a mocidade; êstoutro, finalmente, orando de pontifical, confessa ás gentes abismadas e atónitas que o mal de que enferma a instrução nacional, *a misera e mesquinha*, assim chamada por um travozinho de não lido Camões, está nos programas que urge revêr e refundir. E o caso é que, em presença de

tantas e tão desvairadas sentenças, o pobre diabo, que, como o que escreve estas linhas, pretenda orientar-se, fica, como popularmente se diz, positivamente às aranhas, se bem que sinta às vezes pruridos de também dizer de sua justiça, o que pouco mal poderá acarretar em tão caliginoso pélago de opiniões, pois que mais uma não trará grande dano.

Convencidos de que com as nossas palavras não beneficiaremos, mas também não prejudicaremos a causa da instrução nacional, declarando previa e perentoriamente que não aspiramos às nobres funções de ministro da instrução, ousamos, cá do fundo, bem fundo, da nossa incapacidade, imbecil e fartamente comprovada em quasi todos os ramos de ensino, vir a terreiro com vozes que não estarão nesta nossa terra de sabichões e, portanto, muito menos chegarão ao céu.

Acreditávamos nós, *neste engano de alma lêdo e cego* que nos faz comer o pão que o diabo amassou enquanto outros impam de fartos e pigarreiam grosso, que o problema da instrução entre nós, como em qualquer outra parte, era assás complexo e não poderia ser posto em equação, sem que atendessemos á multiplicidade de factores que nêle figuram. E como, apesar de nos quererem convencer do contrario, continuamos, quais vesanicos, renitentes em nosso modo de vêr, relevem os homens sensatos e sabedores que nós, pobre doido e ignorante, lhes digamos que, em vez de palavrório esteril e ôco, em vez do estralejar foguetaceo de discursos, o problema da instrução em Portugal carece, para ser resolvido satisfatoriamente, do conhecimento da evolução historica do ensino entre nós, do saber das condições ethicas e sociais do povo portugûês, da noção perfeita e exacta das condições economicas presentes e futuras, condições essas que devem determinar, em parte, a orientação a imprimir ao ensino; do saber da capacidade acquisitiva e assimiladora da população escolar nas suas diversas fâses e idades; da apreciação das qualidades docentes do nosso professorado e das condições economicas em que se encontra; do exame da atmosphêra moral em que o ensino por cá vive, da apreciação do que em tal materia deva conceder-se ao estado e á iniciativa particular e, muito especialmente, do conhecimento, tão completo quanto possivel, da estrutura moral e intellectual da nossa gente.

Como se vê, expomos um plano de longa viagem por campos muito atraentes, mas pouco cuidados. A jornada terá de ser longa e, aqui e ali, cheia de escabrosidades e precipícios; quererá a Universidade Livre ceder-nos o seu Boletim para nos pôrmos a caminho? Ela que o diga e já neste numero, para, em caso duma negativa, nem nos darmos ao trabalho de arranjarmos magrissimo far-nél.

AGOSTINHO FORTES.

Nota da Direcção. — O illustre signatario do artigo que vem de lêr-se é, como bem se sabe, de uma incontestaval autoridade em assuntos pedagogicos. Professor notavel de ensino superior, ele tem documentado, numa longa pratica de leccionação, os desvelos de simpatia intellectual que de ha muito lhe vem merecendo o problema da educação e da instrução em Portugal. Grandes serviços se lhe devem por isso, pois que o seu afincado e competente labor, versando aquelle assunto, tem sido utilissimo. A sua obra na «Universidade Livre», constituida por muitas conferencias, lições de cursos, prelecções diversas em actos solenes e elucidações locais em passeios excursionistas, é já de uma altissima importancia. Por tudo isto, pois, a resposta á interrogação do distinto articulista, não podia senão ser de completo e incondicional assentimento — o qual lho consigna aqui a «Universidade Livre» como testemunho da homenagem que lhe deve pelo grandioso e precioso auxilio que dele tem recebido.



CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

Portos de Mar

(Realizada em 28 de Dezembro de 1913, pelo sr. Afonso Castilho)

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

I

HADE haver cerca de 1 mês, recebi em minha casa a copia de um officio que a Direcção da Universidade Livre enviára á Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes para que esta convidasse alguns dos seus membros a virem fazer algumas prelecções nesta util Instituição. Imediatamente respondi e é esse o motivo pelo qual eu me encontro neste mesmo logar, onde já se deram lições muito mais importantes do que a minha, expostas por pessoas mais competentes do que eu, lastimando simplesmente não ser substituído ainda hoje por qualquer outro prelector que tratasse este assunto com toda a proficiencia que ele requer.

O assunto, de que vou tratar, é um assunto muitissimo vasto que exigiria, para ser bem tratado, de muitos volumes e de muitas noites análogas á de hoje.

Como, porém, não posso dispôr nem de uns nem de outros, vou tentar ser o mais claro possível, limitando as minhas ambições a tratar simplesmente de alguns portos estrangeiros, acompanhando a minha preleção com projecções que a ilucidem mais; no fim, farei uma rápida descrição do porto de Lisboa, guardando este especialmente para fazer parte de uma das minhas proximas lições.

Tinha eu pensado, em primeiro logar, fazer uma prelecção sobre as grandes obras da Antiguidade; mas, faltan-

do-me á ultima hora alguns elementos com que contava para esse estudo, desisti do meu proposito. Como, porém, já me tinha empenhado para com o Ex.^{mo} Sr. Alexandre Ferreira a fazer a minha prelecção hoje, immediatamente lancei mão de outro assunto, guardando as grandes obras da Antiguidade para fazerem parte de uma outra lição.

Peço, pois, ao meu selecto auditorio que me ouça com toda a benevolencia, relevando-me as faltas que necessariamente heide cometer e perdoando-me o arrojo de vir aqui falar, unicamente ditado pelo desejo, creio que louvavel, de espalhar por todo o País a luz inalteravel, e a unica verdadeira, da Instrução.

II

Pensa-se muito a sério nos tempos presentes em reorganizar a nossa defeza e as lições dadas ao Mundo pela guerra turco-italiana e pela Guerra balkanica devem ser suficientes para nos demonstrar á evidencia que as theorias a respeito de paz universal e do desarmamento das nações são muito bonitas para serem formuladas em jornais e em discursos proferidos em jantares diplomaticos. (Hobbo).

Um dos factores mais importantes da defeza nacional é constituido pelos *portos do mar*, tanto sob o ponto de vista militar como sob o ponto de vista commercial. E' nos portos de mar que se encontram as esquadras, que, no momento proprio, devidamente municadas, tem que sair fóra a dar combate aos navios inimigos. E' dos portos de mar que saem regularmente os grandes transatlanticos, que trocam internacionalmente os productos da industria de cada nação.

O desenvolvimento dos portos do mar é, ou deve ser, o complemento immediato do desenvolvimento dos navios de guerra ou dos transatlanticos e, depois de esta minha exposição sobre o que se tem feito no estrangeiro, tanto sobre portos commerciaes como sobre portos militares, rapidamente, como já disse, farei uma descripção do nosso porto de Lisboa.

Os portos de mar são, depois dos caminhos de ferro e da navegação, o factor mais importante para o desen-

volvimento da riqueza do mundo e hoje reclamam um material sucessivamente aperfeiçoado. Foi preciso empreender formidaveis trabalhos para abrir as bacias dos portos, edificar-lhes os cais e construir-lhes os diques. Os portos, órgãos da vitalidade commercial e factores da actividade industrial, precisam de ser particularmente cuidados e o seu material necessita de uma cuidadosa atenção.

A extensão e o aperfeiçoamento racional dos portos contribuem em grande escala para a prosperidade dos povos modernos. O acesso facil das bacias, a boa disposição de estas, o arranjo dos cais, uma boa instalação das vias ferreas são outros tantos factores que o engenheiro não deve nem pôde desprezar quando, sendo a isso obrigado pela força das circumstancias, necessite traçar o plano de um futuro porto de mar.

III

E' bem conhecido o proverbio : *cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*. Assim, tambem cada porto deve ter as necessidades que lhe são proprias, atinentes ao fim de commercio que têm em vista.

Por exemplo, os portos que exportem carvão necessitam ter outros elementos diferentes aos dos portos que exportam trigos. Os portos, como Manchester, por exemplo, onde chegam rebanhos consideraveis de animais de toda a especie, viram-se na necessidade de ter nos seus anexos estábulos e até matadoiros.

Ha portos, que localizam o seu trafego em uma ou mais especies de mercadorias; mas ha outros que não teem nenhuma especialidade, necessitando assim de um material muito variado e armazens de toda a especie.

IV

O porto de Londres pertence ao numero dos que não possuem nenhuma especialidade de commercio e, aqui ha alguns anos atraz, era o primeiro porto commercial do mundo; mas nêstes ultimos tempos tem visto a sua impor-

tancia diminuir diariamente, em vista da grande concorrência que lhe faz Liverpool, também porto inglês.

Londres, em vista do seu desenvolvido tráfego, foi baptisado ha alguns anos com o pomposo nome de *Entrepoto do Mundo Inteiro*. Mas tendo actualmente Londres diminuido muito a sua importancia, esta tem sido achada por um porto, situado nos confins do Oriente e que hoje ocupa indiscutivelmente o primeiro lugar; quero falar de Hong-Kong, que dá hospitalidade anualmente a um consideravel numero de navios, cuja tonelagem total atinge 20 milhões de toneladas!

Mas essa diminuição de importancia de Londres, nada a lastimam os ingleses, pois Hong-Kong também lhes pertence, de modo que a Inglaterra ainda hoje possui o primeiro porto comercial do mundo e, em breve o veremos, também o primeiro porto militar.

Vou agora fazer rapidamente a descrição do porto de Londres, tal como ele era em 1908, época em que o visitei, assim como o de Liverpool.

O porto de Londres não consistiu durante muito tempo senão no leito do Tamisa, infelizmente sujeito aos desníveis da maré. Só em 1805 é que foi creado a *London Dock* e só em 1828 a doca de St. Catarina; mas já desde os fins do século 18 que existiam as *Surrey Commercial Docks*.

As docas de Londres são divididas por 4 Companhias, a saber:

1.º — A primeira companhia possui *London Dock*, *Saint-Katherine Dock*, *Albert Dock* e *Victoria Dock*. Estas ultimas são as maiores docas de flutuação de Londres: medem 27 hectares com 7,^m80 de profundidade (Victoria) e 34 hectares com 8,^m20 de profundidade (Albert);

2.º — As *Surrey Commercial Docks* têm 10 docas de flutuação, cujo conjunto mede 33 hectares;

3.º — As *East and West India Docks* formam 6 docas medindo 50 hectares. Pertencem a esta mesma companhia as docas de Pilbury, a 40 km. a juzante de Londres;

4.º — As *Millwall Docks* compreendem 2 docas, com a superficie total de 14 hectares.

Vê-se, pois, que Londres não possui mais de 200 hectares de docas de flutuação, sendo as que possuem melhor material as de Victoria e Albert.

As *Pilbury Docks* compõem-se de uma doca de marés e de uma doca de flutuação.

A doca de marés comunica directamente com o Tamisa. Tem uma superficie de 7 hectares e tem um cais para passageiros e outro para carga e descarga do carvão. A profundidade maxima em maré de aguas vivas é de 13,^m50.

No porto de Liverpool, as docas de Liverpool e de Birkenhead, situadas respectivamente nas margens direita e esquerda do Mersey, pertencem á mesma companhia.

As docas de Liverpool ocupam 5 k^m. na margem direita, sendo o numero total de docas de 27.

V

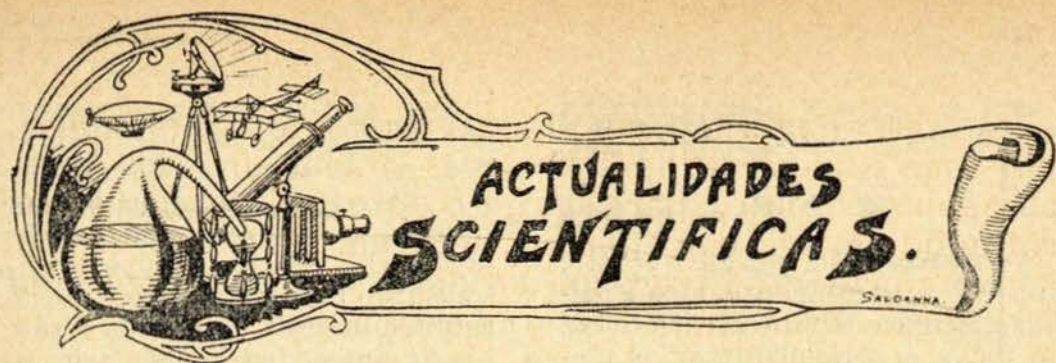
Mas perguntarão agora: porque é que Londres se deixou vencer pelas outras cidades? Porquê? Especialmente porque a sua situação sobre o Tamisa parecia impedir a sua ampliação e Londres, adormecendo á sombra dos loiros adquiridos, vae, por assim dizer, esquecendo todo o seu passado, visto que a historia do seu tráfego e das suas sucessivas ampliações remonta á mais alta antiguidade. Mas Londres já não tem importancia? Tem-n'a e tomára Lisboa possuir a centessima parte da importancia da capital da Rainha dos Mares.

Não ha organismo mais colossal, de vida mais delicada do que um grande porto moderno. Citaremos ao acaso: Liverpool, Hong-Kong, Southampton, Genova, Anvers, Rotterdam, Hamburgo, Marselha etc. etc.

Todos eles são, por assim dizer, mundos áparte, com elementos de vida proprios e desempenhando um importantissimo papel na historia da civilização. Todos eles se vão aperfeiçoando á medida que as necessidades assim o vão exigindo e assim devem fazer para que não vejam a pouco e pouco o commercio abandonal-os, tornando-se então verdadeiramente inuteis.

(Continúa no proximo numero).





Questionario

ENCETAMOS esta secção cuja vantagem é manifesta. Todas as questões de utilidade geral tem aqui cabimento.

As perguntas e respostas do **Questionario** devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias convem que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possível, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao **BOLETIM** e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos aqueles que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Ficará assim funcionando um precioso **Questionario** scientifico constituido pela elucidação de todos — simples incipien-

tes e pessoas cultas — o que servirá para muitos de incitamento ao estudo.

Perguntas:

1—Enegrecer ou oxidar o latão.

—Eu desejava enegrecer algumas peças de latão; poderia algum socio da Universidade Livre, conhecedor do assunto, auxiliarme com a necessaria receita? — *M. H.*



2—Fundir bronze em gesso.—

Precisando fundir algumas pequenas peças de bronze, em moldes de gesso, ficaria muito agradecido se alguém me indicasse qual a melhor mistura para obter o gesso por forma a alcançar os melhores resultados. — *Ama-*



3 — Tintas coradas. — Tinha muito desejo de fazer umas tintas coradas com o pó que vulgarmente usam os pintores, mas com a espessura bastante para correr na pena de escrever.

Poderia algum leitor ter a amabilidade de me indicar como devo proceder a fim de evitar que o pó se precipite no liquido? Dos liquidos que tenho experimentado o que melhor resultado me deu, mas ainda não bom, consiste em 5 partes de goma laca, 2 partes de

borax e 7 partes d'agua fervida com a côr. — *Togo.*



4—*Pilhas.*—De vez em quando, muito frequentemente, a campainha electrica de minha casa deixa de tocar, e vou encontrar os zinhos das pilhas cobertos de enormes cristais, os quais uma vez tirados remedeiam a avaria. Qual a razão d'isto e o meio de o evitar? Uma resposta obsequiaria o vosso — *J. J. da Silva.*



5—*Decomposição da agua.*—Ficaria muito agradecido por qualquer informação sobre a forma usual de decompôr a agua em oxigenio e hidrogenio, e, se ha varios métodos, qual o mais pratico, rapido e barato, bem como de quais os livros em que proveitosamente possa estudar sobre o assunto um homem de muito limitados conhecimentos em questões de quimica.—*Prático.*



6—*Relógio de Sol.*—Um relógio de Sol, em consequencia de acidente ocorrido ha dois anos, obrigou-me a desmontal-o. Estava então no meridiano; mas agora, por causa da hora official aparece alguma dificuldade na sua montagem. Qual o meio mais pratico a empregar nestas circunstancias? —*Caturra.*

Eclipse parcial da Lua

QUEM estiver disposto a conservar-se levantado até depois das 2 horas do proximo dia 12 de março terá ocasião de assistir a um belo eclipse da Lua que, sem ser total, deixará contudo mais de 9 decimos do nosso satellite na sombra.

Sem apresentarem o magestoso espectáculo dos eclipses do Sol, os da Lua impõem-se-nos, no entretanto, ao espirito como uma das mais aparentes manifestações das leis da Natureza, cuja imutabilidade deixa prevêr estes acontecimentos com anos e seculos de antecendencia, nos seus minimos detalhes, em todas as suas minudencias.

Como se sabe, os eclipses do nosso satellite só se dão nas épocas de Lua cheia, quando Sol, Terra e Lua se acham numa mesma linha, com o nosso globo entre os dois outros, e coincidindo o meio do eclipse com o momento preciso daquela fase.

No proximo fenómeno a Lua atinge o cone de sombra da Terra no espaço, cerca das 2 horas, principiando o disco luminoso do nosso satellite a escurecer por WNW, e seguindo o eclipse por forma que, na sua maxima fase, apenas cerca de 8 centecimos desse disco se deixarão ver como um ligeiro crescente a SSE do astro, com a convexidade voltada para o Norte.

Os momentos do começo e fim dos eclipses da Lua são sempre difíceis de determinar com precisão, em consequencia dos efeitos da penumbra, a qual obsta a que a separação da parte luminosa da escura se faça segundo uma linha nitida e definida como acontece com os eclipses do Sol. Aquí, pelo contrario, não só essa linha não existe, mas o esbatido sombrio é de tal forma perfeito que debalde se tentaria determinar a ocasião precisa em que a sombra alcança as diversas irregularidades da superficie lunar, mesmo com o rigor bastante para acertar um relógio d'algiadeira.

Um dos melhores meios para achar os momentos do começo, meio e fim do eclipse, consiste em apontar uma maquina fotografica para a Lua, fixa-la, desco-

brir-lhe a objectiva e deixar que o astro fixe na chapa um largo traço continuo de luz, cuja parte menos luminosa coincide, evidentemente, com o meio do eclipse. Tomando nota dos momentos em que se descobriu e recobriu a objectiva, obter-se-hão os pontos de experiência necessários para o calculo ulterior.

Mas se não ha grande interesse ou vantagem em tomar conta de momentos, não deixa de ser curioso, contudo, notar as diversas colorações da parte eclipsada, e que variam do negro ao cinzento escuro, cinzento claro, rubro sombrio, côr de tijolo etc.

Esta parte eclipsada que, como se sabe, não é esclarecida pelos raios directos do Sol, é-o, porém, pela parte iluminada da atmosfera terrestre interposta, reflectindo-nos esta luz e tomando, portanto, as côres daquela atmosfera, tais como, por vezes, as admiramos ao romper da aurora ou durante o crepusculo.

Eis aqui os elementos do fenómeno:

Entrada da Lua na penumbra	1. ^h 41 ^m
Entrada na sombra.....	2. 41
Meio do eclipse.....	4. 13
Saída da sombra.....	5. 44
Pôr da Lua	6. 35
Saída da penumbra	6. 45
Nascimento do Sol.....	6. 56

Erupção volcanica

Os tripulantes do vapor *Makambo*, recentemente aportado a Sydney, Oceania (N. S. W.), contam que toda a ilha Ambryn (Novas Hebridas) mudou completamente de aspecto em consequencia de uma terrivel erupção volcanica em dezembro ultimo. Logares habitados e onde a vida se manifestava exuberantemente acham-se agora metros e metros abaixo do nivel do mar;

por outro lado, cerca de duas milhas de terreno, em algumas partes bastante alto, substituem-se ao mar que ainda ha pouco as occupava.

Estas elevações e estes abanamentos dos terrenos, especie de arfar irregular e parcial do Globo, e mais ainda outros que regular e geralmente se verificam em observações e experiencias delicadas, levam insensivelmente a admitir a vitalidade deste organismo enorme, cuja propria grandeza oculta á observação os detalhes da sua constituição intima.

Doenças das plantas

A 24 do corrente e dias subsequentes reunir-se-hão em Roma delegados de 15 países a fim de estabelecerem uma convenção internacional sobre os meios de verificar as doenças das plantas e regular a sua importação. Ao passo que isto se realiza os Estados-Unidos tomaram a deliberação de fechar as suas portas ás batatas da Europa em consequencia da doença que ataca esta planta, e proibir a importação de toros e plantas de pinheiro, que transportam um *fungus* prejudicial ao desenvolvimento das florestas.

Os explosivos e a telegrafia sem fios

SEGUNDO noticia um jornal diário foi descoberto por um nosso visinho de Espanha o processo de fazer detonar a polvora a distancia por meio das ondas hertzianas, ou mais compreensivelmente, por meio da telegrafia sem fios. Se é verdadeira a noticia, e já ha bastante tempo vinha sendo discutida a sua possibilidade, se o sistema é applicavel a todos os explosivos, nenhuma outra invenção poderia, mais do que esta, concorrer para tornar pratica a ideia, até hoje en-

carada como meia fantasia, da pacificação geral.

Baseando-se a guerra moderna no emprego do explosivo, desde que a sua armazenagem se torne impossível, eram uma vez as guerras, a não ser que se voltasse aos sistemas antigos, da luta braço a braço, á espada e á lança, num desporto fatal, na valorização da força bruta.

A proposito deste assunto lê-se no *Journal*, de Paris, a afirmação de um engenheiro francês de que os explosivos são susceptíveis de detonar quando situados

nos nodos, isto é, nos pontos de encontro das ondas electricas da telegrafia sem fios. Assim, exemplifica o mesmo engenheiro: o desastre do «*Volturmo*» deu-se precisamente no ponto de junção das linhas seguidas pelas ondas emitidas pela Torre Eiffel e por Glace Bay; da mesma forma aponta a recente explosão de uma mina proximo de Cardiff, na linha Clifdeu-Paris, e as explosões a bordo dos couraçados *Iena* e *Liberté*, em Toulon, na linha Paris-Biserta, como sendo devidos á mesma causa.





Conferencias e palestras

© **D**ISTINTO professor da Escola de Guerra Sr. Frederico Simas, acedendo a um convite do Conselho Administrativo, começará oportunamente uma serie de lições sobre assuntos da sua especial competencia.

Publicações (curso de francês)

ESTÁ no prélo um interessantissimo trabalho do douto professor da Faculdade de Letras, Sr. Alfredo Appel, sobre o ensino hodierno do francês, conforme a prática seguida no seu curso tão proficientemente regido nesta Instituição.

Esse trabalho, que o Conselho Administrativo resolveu editar, está destinado a um largo successo pedagogico pois tudo o que os modernos processos preconizam no ensino das linguas aí é largamente tratado sem esquecer a applicação do gramofone, que nas ultimas aulas deste ano contamos utilizar.

Historia das Religiões

© **M**AGNIFICO trabalho do illustre professor Sr. Antonio Ferrão, sobre religiões, feito com um probo e conveniente criterio, tambem brevemente será editado para perpetuar o seu esforço de investigador e interpre-

tador historico neste assunto, que no ano passado tão brilhantemente começou a tratar e que será concluido nesta época.

Excursão e visita de estudo a Tomar

NO mês de Maio proximo realisar-se-ha a anunciada visita de estudo a Tomar, com um numero limitado de excursionistas, sendo desde já aceitas inscrições na Secretaria.

Competentes professores dirão, na sua diferente observação, o que Ramalho Ortigão e o grande arquiteto alemão Haupt tambem sentiram ante aquela portentosa fabrica architectonica.

Companhias reunidas de gaz e electricidade

NUM dos primeiros domingos de Março realisar-se-ha uma visita de estudo ás installações destas companhias, que gentilmente acederam a um pedido do Conselho Administrativo.

Será limitado a 50 o numero dos visitantes que serão os socios que primeiro se inscreverem na secretaria com esse motivo.

O Conselho Administrativo trata de conseguir que lhes seja na vespera explicada sucintamente a tecnica daquelas industrias, preambulo indispensavel para *in loco* avaliarem do seu funcionamento.

Balancete do mês de Janeiro de 1913

DEVE (Receita)

	Saldo de 1913.	35\$11	
Subscritores:			
	Cobrança deste mês.....	295\$07	
Efectivos:			
	Idem	15\$70	
Publicações:			
	Vendidas.....	10\$79	
	Cadernos d'escrita.	\$32	
Subsidios:			
	Da Assistencia publica—Novembro	15\$00	
	» » » — Dezembro	15\$00	30\$00
Matriculas:			
	Pelas que se fizeram	5\$10	
Cartões d'identidade:			
	Pelos extraídos	3\$30	360\$28
			<u>395\$39</u>

HAYER (Despeza)

Rendas:			
	Mês de Fevereiro	35\$00	
Devedores & Credores:			
	Ed. Rosa—saldo s/c de Novembro	25\$00	
	» » » » » Dezembro	15\$60	
	Lamas & Franklin		
	s/c de Dezembro.	5\$20	
	Monte-pio Commercial e Industrial		
	deposito	100\$00	
	»	84\$33	230\$13
Abonos em c/c:			
	João da Graça Teles de Lemos		
	obrigação n.º 53.....	5\$00	
Moveis e utensilios:			
	Custo de 24 clichés.....	4\$32	
Publicações:			
	Custo de 10 cadernos.....	\$30	
Percentagens:			
	Aos cobradores.....	34\$49	
Despesas gerais:			
	Pelas deste mez.	44\$41	353\$65
			<u>41\$74</u>